

CARTOGRAFIA E TRABALHO: A INSERÇÃO DA VIVÊNCIA DOS ALUNOS NA MODALIDADE EJA

Patricia Marques Sampaio ¹
Alexandra Maria de Oliveira ²

RESUMO

Neste trabalho podemos entender a prática do educador diante da modalidade de Ensino para Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal na cidade de Fortaleza – CE. Para isso, foi proposta uma análise sobre a prática dos educadores da Geografia com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa foi realizada em três etapas: bibliográfica e documental, visitas à escola com intervenção pedagógica e produção de relatório de campo. Os pressupostos da prática pedagógica com os educandos consideraram a contextualização dos conteúdos disciplinares com as experiências vivenciadas pelos alunos a partir da inserção no mundo do trabalho. Como resultados foi possível discutir a Cartografia como um componente curricular fundamental na espacialização dos fenômenos e na visão de cada um sobre sua leitura de espaço urbano.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Trabalho. Cartografia. Cotidiano.

INTRODUÇÃO

Não existe uma receita específica para tornar alguém professor. A formação é uma construção social e intelectual concebida e enriquecida pelo cotidiano profissional com o ambiente escolar com pesquisas, observações e dúvidas, ou seja, sempre vendo o espaço como dinâmico e não neutralizado por uma única visão.

Complementando essa ideia, Pimenta e Lima (2009) afirmam que o estágio não pode apenas se limitar à crítica e à prática instrumental, mas deve ser um momento compreendido como pesquisa com base na ligação intrínseca entre teoria e prática, desenvolvendo, assim, a práxis e ocorrendo a formação de um professor crítico-reflexivo.

Para Paulo Freire (1997 apud LIMA, 2013, p. 37), “a consciência do professor no que faz e seu significado é fator importante para a avaliação crítica do processo de construção da ação pedagógica e sua reconstrução”, e por este motivo, a utilização de ferramentas pelo professor na mudança de suas atitudes e comportamentos em prol do seu desempenho, busca assim realizar uma melhoria na qualidade de ensino e como o espaço escolar se “comporta” em face ao maior desenvolvimento dos recursos didáticos para a construção de um ensino crítico e reflexivo a respeito do espaço vivido pelos alunos.

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, patriciamarquez15pm@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, alexandra.oliveira@ufc.br.

Ao fundamentar a tese, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) Compreender o funcionamento da modalidade de Educação para Jovens e Adultos; (ii) Investigar o contexto social em que se encontra os estudantes; (iii) Valorizar o uso da Cartografia no Ensino de Geografia para além de seu aspecto compreendendo-a como instrumento para entender a ocupação dos alunos.

Para alcançar o resultado dos objetivos, escolheu-se o método que permite analisar as grandes problemáticas educacionais e que refletem na própria organização do espaço escolar e dos conteúdos geográficos. Compreender a visão dos alunos e fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas de um mapa. É fazer a leitura do mundo da vida, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos).

Enquanto procedimentos metodológicos, a pesquisa será fundamentada na abordagem qualitativa, pois possibilita compreender os comportamentos, as falas e o uso da cartografia como recurso didático no Ensino de Geografia, no qual Marconi e Lakatos (2002) apontam que este método permite a classificação de distintos tipos de dados, cuja análise pode resultar em diferentes propriedades.

As técnicas que seriam realizadas, a começar pelo levantamento bibliográfico, com consulta de artigos, livros, monografias, teses, dissertações e pesquisa documentais. Dentre as principais contribuições teóricas, vale a pena destacar Pimenta & Lima (2009) na compreensão do que seria a pesquisa no estágio; Pontuschka, Paganelli & Cacete (2007) no entendimento do ensino e aprendizagem de Geografia; Silva (2012) e Pissinati e Archela (2007) sobre a inserção da Cartografia nas aulas de Geografia; Nascimento (2011) na explicação sobre o EJA; Santos (2011) e Silva (2013) relatando sobre a modalidade de Ensino de Jovens e Adultos e a relação com o mundo do trabalho.

Esse estudo foi realizado numa Escola Municipal na cidade de Fortaleza – CE, com a aplicação de entrevistas e observação de duas turmas acompanhadas durante o período de Estágio Curricular Supervisionado II. Esses momentos foram importantes para entendermos como a Cartografia poderia ser utilizada no Ensino de Geografia, assim como os alunos e professor poderiam se apropriar de recursos alternativos para tornar o ensino e aprendizagem mais prazerosos e significativos, ao passo que também considerar as vivências de cada estudante.

O objetivo de analisar o espaço escolar diante da inserção da cartografia como recurso didático com o intuito de compreender como o Ensino de Geografia se apropria dessa ferramenta como auxiliadora na aprendizagem e como esse recurso pode ser utilizado para contextualizar a vivência do trabalho, alcançando através do olhar crítico do contexto em que

se situa a escola e como os alunos sentiam a necessidade de aprender de forma mais simples, realista e significativa.

METODOLOGIA

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica com os principais autores que falam sobre o ensino da Geografia nas séries iniciais de maneira a conhecer as teorias sobre o tema e que darão suporte à pesquisa. Os autores que foram abordados nesta pesquisa são professores de Geografia com ampla experiência no uso da metodologia dessa disciplina em sala de aula.

Dando prosseguimento às técnicas desenvolvidas, também empregamos a pesquisa documental, com base na qual levantamos alguns documentos nacionais, estaduais e municipais que regem as leis educacionais - a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) - para a Geografia, além de documentos referentes à Escola Herondina Lima Cavalcante, como a Proposta Político Pedagógica da Escola.

Após esses levantamentos, realizamos entrevista com a gestão escolar e diálogos informais com o professor supervisor (a) de Geografia e os alunos matriculados na modalidade EJA, da Escola Municipal da cidade de Fortaleza – CE. Nesta parte da pesquisa exploratória, foi muito importante para se compreender os problemas enfrentados pelos alunos para permanecerem na escola.

Na parte prática, foram realizadas intervenções com as duas turmas acompanhadas durante o período de observação no Estágio Curricular Supervisionado II, ocorrido em 2019.1. Essas observações serviriam de análise para saber quais são as reações e o grau de absorção dos conhecimentos mediante a introdução dos conceitos geográficos sobre Cartografia e Trabalho e como os profissionais responsáveis ministram esses conceitos. Após esse processo, será trabalhado com as turmas a construção de mapas mentais e como isso influencia na percepção geográfica do espaço.

MODALIDADE DE EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS (EJA)

Como proposta de combate ao analfabetismo surgiu a Educação para Jovens e Adultos (EJA). Atende pessoas que por vários motivos não puderam terminar sua escolarização, tanto pela falta de oportunidades como condições. A educação é uma maneira de construção da cidadania, e um dos objetivos dessa modalidade é desenvolver capacidades onde os sujeitos possam superar as dificuldades.

No entanto, ela também busca preparar os alunos para o mercado de trabalho e integrá-los socialmente. Todavia, o EJA exige mais atenção pelos docentes, considerando que esse aluno adulto traz consigo uma percepção de vida e personalidades já formadas. Alguns dos aspectos que distingue essa modalidade do ensino regular é o curto período de alfabetização e o ritmo que se difere de crianças e adolescentes.

Nessa sociedade em que as informações, as comunicações exigem maior e melhor qualificação profissional, necessita maior instrução escolar, requer-se maiores informações, e atualização de conhecimentos, ou seja, é exigido um nível cada vez melhor para inserção no mundo do trabalho, e na própria sociedade. (NASCIMENTO, 2011, p. 13)

É relevante colocar a contribuição do educador Paulo Freire, em que acreditava que através do método de ensino que se desenvolvia partindo das palavras do uso cotidiano dos educandos, defendia a ideia em respeito aos saberes que os mesmos trazem consigo e de que ensinar não é só transferir conhecimento. Ao considerar essas características no período do Regime Militar, pode-se constatar que isso não era interessante para o Estado, em que não pretendia desenvolver um ensino desvinculado do sistema e nem de raciocínio autônomo.

Considerando os PCNs, é colocado que o EJA deve possibilitar a interpretação dos fenômenos que ocorrem onde os alunos possam relacionar com o seu meio. A maneira como a aula é conduzida pelo professor são umas das características importantes que o ensino de Geografia apresenta nesta modalidade de ensino, pois é a postura metodológica aplicada pelo educador que será aporte para as aulas com o retorno às aulas com a permanência dos alunos garantida ou não. Somma e Cavalcanti (1995; 2002 apud NASCIMENTO, 2011, p. 24), colocam que o professor deve estudar quais os conteúdos serão importantes tratar com a turma e quais metodologias de ensino serão apropriadas.

A aplicação dessas diversas metodologias empregadas em sala de aula se dá à medida que representam o interesse com a formação dos educandos. Há necessidade de refletir sobre elas, levando-se em conta o perfil de cada aluno, gerando elementos que venham a facilitar o ensino (SOMMA, 1995 apud NASCIMENTO, 2011, p. 26). Na Educação de Jovens e Adultos é importante levar em consideração as condições que os alunos chegam à sala de aula.

De acordo com Lopes (2008 apud SANTOS, 2011, p. 25), “são as regras de recontextualização que constituem tanto os conteúdos quanto o modo como se dá a sua socialização”. Para a mesma autora, tais regras são construções sociais que variam com os princípios dominantes de cada sociedade, com as relações de controle e poder que se efetivam socialmente.

Tal processo, que não é derivado apenas da lógica existente no campo da produção desses conhecimentos, pode auxiliar na compreensão do movimento de constituição da geografia a ser ensinada em programas e materiais didáticos voltados para o público jovem e adulto trabalhador. (SANTOS, 2011, p. 25)

As disciplinas escolares, constituídas social e politicamente como resposta a objetivos sociais da educação, carregam instrumentos e mecanismos próprios que contribuem para a construção do conjunto de saberes que se encontram sob sua delimitação. “Com isso, quero dizer que há especificidades no ato de ensinar e aprender em cada disciplina e em cada modalidade de ensino” (SANTOS, 2011, p. 30).

Quando se trata da problematização e a análise do mundo do trabalho nas salas de aula do EJA, devem se constituir em ações educativas fundamentais para uma proposta curricular que considere a ressignificação do saber da experiência e a construção de um pensamento crítico e autônomo por parte dos alunos.

Podemos dizer, então, que o trabalho é uma categoria fundamental para a análise espacial, mas com uma função auxiliar junto às principais categorias da geografia, exercendo maior ou menor influência de acordo com a perspectiva teórico-metodológica adotada. (SANTOS, 2011, p. 32)

No que diz respeito à geografia escolar, o trabalho sempre esteve presente como mediador da ação humana frente à natureza, mas sua inserção na escola em maior peso deu-se a partir do movimento de renovação crítica, quando a interpretação do espaço geográfico como produto do trabalho humano passou a vigorar com intensidade. Ainda assim, na seleção de conteúdos normalmente encontrada em livros didáticos e propostas curriculares para a educação básica regular, o mundo do trabalho sempre foi tratado como algo não muito propício a ser aprofundado nas aulas de geografia. Nesse sentido as propostas curriculares do EJA aqui examinadas contribuem para a centralidade dessa categoria na abordagem da perspectiva geográfica.

A CARTOGRAFIA COMO REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO

A Geografia geralmente é associada a algo chato e sem nenhuma finalidade, sendo muito difícil concebê-la como dinâmica e relacionada a outras áreas de conhecimento. Os educadores não assimilam as noções básicas da geografia como parte integrante da sua vida cotidiana, pois não foram levadas a pensar sobre outras informações além das contidas nos livros didáticos.

Se o valor de se estudar geografia já não foi bem trabalhado na vida destas pessoas, enquanto alunos de uma escola formal, menor ainda foi o valor da cartografia, que acabou se

limitando a cópias de desenhos artísticos com localização de cidades, de capitais e de aspectos físicos do nosso planeta. (PISSINATI; ARCHELA, 2007, p. 172)

Tendo em vista isso, a falta de habilidades cartográficas levam as pessoas a terem dificuldade de conseguir entender as dimensões do próprio espaço. A utilização da alfabetização cartográfica buscou focar no estudo da localização, visto que é uma das primeiras habilidades que o ser humano adquire em sua vida e que tem sido cada vez mais exigida para o deslocamento do indivíduo no seu espaço vivido e para o conhecimento de lugares, principalmente o percurso do trabalho até a escola ou até em casa.

Os alunos não conseguem assimilar essas noções básicas de cartografia com o cotidiano, pois não foram levados a pensar sobre as informações que os livros didáticos lhes traziam e nem fazer conexões entre as informações. Segundo Francischett (1997, p. 72 *apud* PISSINATI; ARCHELA, 2007, p. 173) “o uso do mapa desenvolve a percepção e principalmente o pensamento, pois para seu entendimento é necessária à compreensão e a decodificação dos signos, razões que levam a desenvolver a cognição como operação mental”.

O desenvolvimento cognitivo contribui para o processo de aprender a se situar diante dos objetos e quanto ao como ensinar sobre o mapa, os objetivos não serão completamente alcançados se o aluno não participar ativamente do processo de construção de um mapa. Nas palavras de Almeida e Passini (1994, p. 26), “o espaço vivido refere-se ao espaço físico, vivenciado através do movimento e do deslocamento”, nesse sentido, a apropriação do conhecimento e enriquecimento intelectual de toda a comunidade escolar é um saber que também “extrapola” os “muros da escola”, não sendo apenas uma célula isolada.

Se a leitura de mundo implica em um processo permanente de decodificação de mensagens, de articulação/contextualização das informações, cabe à escola ensinar o aluno a lê-lo também por meio de outras linguagens e saber lidar com os novos instrumentos para essa leitura. (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE 2007, p. 262)

As investigações a respeito dos fatores que se relacionam com o abandono e a permanência dos jovens na escola têm importância significativa para a compreensão da dinâmica social onde percebemos não só a não ocorrência de uma relação linear entre educação e empregabilidade, mas diversos processos que influenciam na educação. Conforme Silva et al (2013, p. 407),

O jovem situa-se no centro dessas transformações, não só do ponto de vista econômico, mas também de uma perspectiva cultural e subjetiva, investigar seus impactos na vida juvenil, sobretudo nos processos de formação escolar e profissional, pode trazer maior solidez para análises sobre a juventude contemporânea.

Na atualidade entender os mapas significa compreender a realidade, os mapas nas aulas de Geografia constitui o principal recurso didático, porém este sempre foi usado como mero recurso visual (SILVA, 2012, p. 18), e com isso o mapa tornou apenas uma ferramenta de uso limitado e que por outro lado não tinha nenhuma aplicabilidade na vida dos alunos. Para que os educadores possam desenvolver uma metodologia que una a Cartografia com a realidade observada e vivida, sendo essencial segundo Castrogiovanni (2001), “uma ação para que o aluno possa entender a linguagem cartográfica não está apenas em colorir ou copiar contornos, mas construir representações a partir do real próximo ou distante”.

A utilização do lugar como categoria de análise, traz o ensino de Geografia subsídios que auxiliam o professor ao relacionar o conteúdo em sala de aula com as experiências dos estudantes vividas na comunidade possam fazer parte das discussões. A análise da percepção do lugar através dos mapas mentais, “essas cartas mentais são instrumentos eficazes para compreender os valores que os indivíduos atribuem aos diferentes lugares” (PONTUSCHKA, 2009, p. 314 apud SILVA, 2012, p. 21).

A partir dessas representações, os professores podem desenvolver concepções críticas e leituras de mundo distintas. Sabendo que esse espaço constitui símbolos artificiais e naturais que se tornam lócus de significados particulares do ambiente vivido. Esses elementos permitem definir um determinado lugar e dão sentido. Os sistemas de ensino das escolas geralmente não dão abertura para debates acerca do cotidiano dos alunos e eles acabam se tornando apenas seres responsáveis por memorizar conteúdos disciplinares.

A rotina dos alunos da modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA) sempre é corrida devido às responsabilidades assumidas por cada um durante o dia, inclusive o trabalho. Por isso, procurou-se um modo de relacionar todo esse contexto pessoal com a disciplina, entendendo que a Geografia do cotidiano se faz necessário e ela está presente em todos os contextos.

Coube-se então analisar e sistematizar o mundo do trabalho as através dos conceitos geográficos, considerando os diversos aspectos enfocados dizem respeito às variadas dimensões e problemáticas em relação a isso. No aspecto que diz respeito ao conceito de trabalho, tratando das suas concepções veiculadas pelo conteúdo geográfico presente nos materiais e pondo em evidência à dimensão ontológica do trabalho e quando e como ela o conceitua tomando como base a forma histórica.

A leitura geográfica para o trabalho sob o contexto histórico do capitalismo é o segundo aspecto a ser colocado. O que se pretende é apontar as características, os problemas e as contradições das formas e relações de trabalho através dos conflitos e também críticas

contidas no cotidiano de cada aluno. Por fim, a relação estabelecida entre trabalho e espaço geográfico enfatizada na tentativa de extrair dos materiais didáticos o tratamento espacial do fenômeno do trabalho contando com a compreensão do trabalho na sociedade contemporânea, a partir da elaboração de mapas mentais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No intuito de entender a dinâmica de quem vivencia tal realidade, houve o acompanhamento de aulas direcionadas ao EJA's: III, correspondente ao 6° e 7° ano do ensino regular e o IV, referente ao 8° e 9° ano, no turno da noite.

No primeiro momento de recepção já foi válido notar a percepção construída acerca da separação entre o homem do espaço, fazendo o aluno não pensar a Geografia nos aspectos da sua rotina, ficando restrita aos bancos da escola, e sem nenhuma aplicabilidade, além de considerar o cansaço dos alunos, interferindo negativamente na aprendizagem dos mesmos, e principalmente o atraso de muitos deles, que perdem metade das explicações.

Nesse sentido, abriram-se mais ainda espaços de diálogos sobre a vivência dos alunos no cotidiano de trabalho relacionando com a percepção deles sobre o percurso. Cada aluno recebeu o mapa dos bairros da cidade de Fortaleza, sendo válido ressaltar como os alunos não tinham essa noção espacial do próprio local que moravam e da mesma sendo “vista de cima” e desconheciam sua história.

Em seguida, pediu-se para circularem o bairro que trabalhavam e residiam. Na sequência, cada aluno falou sobre o que notava no percurso e à medida que iam argumentando, era anotado no quadro branco. Os alunos puderam expressar sentimentos de pertencimento com os lugares e como era essencial essa percepção inclusive em questão de localização para se situar onde estava.

Após esse momento, houve explicação sobre o conceito de trabalho, e de como eles associam isso com o processo de educação, ou seja, a importância de estar matriculado no EJA. Na parte de atrás do mapa que havia sido entregue, propus que os alunos elaborassem um mapa mental (Figura 1) com o intuito de trazer o espaço vivido pelos alunos para a sala de aula, atrelando as experiências deles ao ensino.

Figura 1 – Representação cartográfica elaborada pelos alunos do EJA.



Fonte: Autora, 2019.

É nesse sentido, que a Geografia se transforma em uma ciência dialética que busca juntar os diversos olhares para a compreensão do espaço atual. É com este enfoque que o ensino e também a pesquisa assumem características particulares, passando a priorizar a vivência de cada aluno, trazendo para as discussões em sala a realidade do lugar onde vivem e da região onde se encontram inseridos, colocando o saber científico nos fenômenos presenciados pelos alunos.

Essa representação espacial leva a construção de linguagens, a exemplo dos mapas. Daí que elas precisam ser compreendidas em si e, ao mesmo tempo, como instrumentalizações. Escrever e ler graficamente o espaço faz parte do processo de produção de significados. Nesta perspectiva, o professor de Geografia tem um papel relevante ao trabalhar com diversas representações gráficas com os mapas, contribuindo para a produção de significados e para a compreensão do conteúdo sensível e concreto. (KIMURA, 2008, p. 115 apud SILVA, 2012, p. 18)

Partindo dessa concepção, o lugar aparece como categoria analítica, trazendo os estudos sobre as dinâmicas travadas na sociedade e natureza, sendo resultado da forma de como seus habitantes se relacionam com seu ambiente próximo e também forças externas. Cada indivíduo percebe e transcreve de uma forma singular, alguns ao passar para o papel consideram a escala que se refere à proporção da dimensão do que está sendo representado, podendo perceber a enorme dificuldade dos discentes e as forma de representações verticais e horizontais relacionadas de acordo com a perspectiva do aluno.

A geografia tem por objetivo estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir da paisagem. Na busca dessa abordagem relacional, trabalha com diferentes noções espaciais e temporais, bem como os

fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição, para identificar aquilo que na paisagem representa heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza em sua interação. (BRASIL, 2001, p. 26)

O mapa mental permite observar se o aluno tem a percepção sobre a dimensão do espaço e capacidade de transpor essa informação para o papel. Através dessa atividade, possibilitou-se trabalhar com todos os elementos essenciais da cartografia quanto a sua forma de expressão, por meio desta linguagem gráfica escolhida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, com base nas experiências de contexto escolar na qual pôde ser proporcionada pelo Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, percebemos que incluir as vivências dos alunos do EJA dentro de sala de aula pode ajudar na construção de conhecimentos mais significativos e, até mesmo, mais próximos da realidade. Tais resultados foram obtidos fundamentados nas observações com os alunos que participaram das atividades, na quais muitos afirmaram acreditar que a conciliação entre cartografia e a espacialização do seu cotidiano pode auxiliar no aprendizado prazeroso.

A participação dos alunos juntamente a estagiária e o Professor de Geografia significou um movimento dialógico na construção de conhecimentos, sendo esse o principal resultado obtido em nossa pesquisa. Ademais, acreditamos que ainda exista um longo caminho para a total incorporação dessa consciência dentro espaço escolar, bem como da real capacitação de professores e gestores para o trabalho com essas ferramentas.

Sugere-se a necessidade de olhar mais aproximado dos estudantes do EJA, a busca por uma formação que demonstrem a intenção de participar dessa modalidade de ensino, atenção devida para que essa realidade não se configure com mais um elemento na exclusão dos educandos do processo de escolarização e o cuidado para que esse fenômeno não se transforme no fortalecimento de uma prática de segregação, mas que estes se posicionem na construção do diálogo e que ainda observem suas dificuldades na escolarização e demandas de aprendizagem.

A utilização de recursos didáticos e pedagógicos para o estudo de conteúdos do ensino fundamental considera-se o planejamento do trabalho docente como um ponto muito importante, na garantia de sua eficácia no contexto de utilização na contextualização de um conteúdo. A escolha do mapa mental leva o aluno a questionar as situações que vivenciam em seu cotidiano, permitindo-os compreender melhor e transformando-os em um agente ativo do processo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 1-156.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O misterioso mundo que os mapas escondem. In: _____ (org.) [et al.]. **Geografia em Sala de Aula: Práticas e Reflexões**. UFRGS/AGB. Ed. 3. Porto Alegre, 2001.

LIMA, Surama Ramos; GIRÃO, Osvaldo. O ensino de Geografia versus leitura de imagens: resgate e valorização da disciplina pela “alfabetização do olhar”. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 88-106, 2013.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. V. **Técnicas de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

NASCIMENTO, E. J. T. do. **Educação de Jovens e Adultos e Ensino de Geografia: redescobrimos velhos saberes, recriando novos caminhos**. 2011. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2009.

PISSINATI, Mariza Cleonice; ARCHELA, Rosely Sampaio. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de geografia. **Geografia**, v. 16, n. 1, p. 1-28, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Enio Serra dos. O mundo do trabalho na geografia a ser ensinada na educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 1, n. 1, p. 24-46, 2011.

SILVA, Monica Ribeiro da; PELISSARI, Lucas Barbosa; STEIMBACH, Allan Andrei. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. **Educ. Pesqui**, v. 39, n. 2, p. 403-417, 2013.

SILVA, E. dos S. **Importância do Mapa Mental na Percepção Espacial e no Ensino de Geografia: estudo de caso na Escola Dom Manuel Palmeira da Rocha, Esperança/PB**. 2012. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.